

DUAS CARTAS SOBRE NEURODIVERGÊNCIA E TEATRO

Janyelson Firmino Fernandes Barbosa

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza – SME

ORCID : <https://orcid.org/0009-0005-9326-499X>

Allan de Sousa Félix

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID42267

Introdução

O presente trabalho reúne duas cartas abertas que emergem como resultado sensível e reflexivo de uma jornada de pesquisas realizada pelo NACE (Núcleo de estudos e pesquisas em Artes da cena) vivenciada no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). As cartas dialogam diretamente com a temática do teatro e da neurodivergência, trazendo à tona experiências, inquietações e descobertas que atravessam o fazer artístico, a inclusão e o pensamento acadêmico. Esse percurso investigativo não se limita à produção teórica: ele nasce do encontro com corpos diversos, afetos múltiplos e formas singulares de perceber o mundo, desafiando os limites normativos da cena e expandindo as possibilidades estéticas e éticas do teatro contemporâneo.

Ao optar pelo formato de cartas abertas, o trabalho assume uma postura dialógica e humanizada, buscando falar com e não sobre a neurodivergência. Cada carta defende o direito à presença, à escuta e ao exercício criativo de sujeitos historicamente marginalizados, propondo uma arte que acolha a diferença como potência. Assim, o teatro é entendido como espaço de atravessamento, de política do sensível, de construção coletiva e de reconfiguração dos modos de estar no mundo.

Nessa perspectiva, a escrita acadêmica se aproxima da escrita poética e testemunhal, tornando-se um território híbrido em que epistemologia e experiência caminham juntas. As cartas abertas que compõem esta pesquisa são, portanto, parte de um gesto ético e estético: o gesto de reconhecer que a neurodivergência não é um desvio a ser corrigido, mas um campo fértil de criação e presença.

Este trabalho convida o leitor a participar desse diálogo — um convite à escuta, ao deslocamento e à possibilidade de imaginar outras formas de teatro, outras pedagogias e outras sensibilidades. Que a arte, aqui, seja caminho de encontro e transformação.

Primeira carta:

TEATRO, NEURODIVERGÊNCIA E A BELEZA DO IMPOSSÍVEL — APAE DE CURRAIS NOVOS

Currais Novos/RN, 01 de novembro de 2025

À comunidade, às famílias, aos artistas, educadores e a todos aqueles que acreditam na força transformadora da arte:

Escrevo esta carta como quem abre lentamente uma janela, deixando entrar a luz de histórias que não cabem em relatórios, relatórios que jamais caberiam nos gestos, e gestos que só o teatro é capaz de revelar. É uma carta escrita com o corpo, com as presenças que encontrei, com os silêncios que aprendi a escutar e com as perguntas que ainda permanecem pulsando, porque a arte é feita mais de perguntas do que de respostas.

Minha jornada na APAE de Currais Novos começou como quem pisa em um território desconhecido, carregando receios, inseguranças e um olhar ainda marcado pelos condicionamentos de uma sociedade que insiste em reduzir corpos a diagnósticos e mentes a limites. Quando aceitei o convite para trabalhar com pessoas com deficiência, não sabia que estava aceitando, na verdade, ser transformado por um mundo inteiro de modos outros de existir.

Se no início cheguei como uma folha em branco, hoje percebo que aquela página já trazia rabiscos de preconceitos atitudinais que eu nem reconhecia como meus. E foi justamente o encontro com cada olhar inquieto, cada gesto inesperado, cada forma singular de perceber o tempo e o espaço, que começou a apagar o que eu trazia pronto — para dar lugar ao novo.

No começo, tentei ensinar. Hoje sei que, na verdade, era eu quem precisava aprender. Pois nesse espaço, chamado APAE, aprendi de fato a colocação de Paulo Freire quando diz: “não há docência sem discência”. Aprendi! Aprendi que movimentos não precisam ser uniformes para serem belos, aprendi que o silêncio pode falar mais do que qualquer fala, aprendi que a neurodivergência não é exceção — é expansão... expansão de possibilidades, de sentidos, de mundos.

As primeiras práticas foram tímidas, ainda presas às estruturas rígidas do teatro que eu conhecia. Coreografias imitadas, músicas repetidas, roteiros prontos... até que percebi que nada daquilo pertencia verdadeiramente ao grupo. Parecia arte, mas não era encontro. Parecia inclusão, mas não era escuta.

E o teatro — esse lugar sempre tão exigente e ao mesmo tempo tão generoso — começou a me ensinar a abandonar certezas. A soltar o controle. A desaprender para reaprender. A entender que, diante da neurodivergência, não há “adequação”: há diálogo. Não há “correção”: há invenção. Não há “modelo”: há multiplicidade. E foi nesse processo que as palavras de Augusto Boal chegaram como sementes em terra fértil:

Qualquer pessoa pode fazer teatro, inclusive o ator; em qualquer lugar pode haver teatro, inclusive nos teatros convencionais.

Essas palavras libertaram a mim, que achava que precisava ensinar técnica. E libertaram o grupo, que agora era reconhecido como artista — não como alguém “assistido”, não como alguém “limitado”, mas como alguém que cria, modifica, provoca e transforma. Os jogos teatrais deixaram de ser exercícios e se tornaram pontes. Pontes entre mundos internos, pontes entre corpos que não conversavam, pontes entre gestos tímidos e gestos corajosos. Ali, na sala simples, sem refletores e sem cenário, descobri que existia mais teatro na espontaneidade dos movimentos que surgiam do que em muitas montagens formalmente impecáveis.

A neurodivergência, essa palavra tantas vezes mal compreendida, se revelou não como barreira, mas como fonte de poesia, poesia no modo como alguém se recusa a seguir um ritmo imposto — e cria seu próprio ritmo, poesia no modo como alguém vira o rosto para evitar o barulho — e inventa um novo modo de estar na cena; poesia no modo como um gesto que parecia “errado” se transforma na imagem mais verdadeira da apresentação.

Poesia nos corpos que não cabem no padrão — e por isso mesmo reinventam e criam o verdadeiro padrão.

E assim, pouco a pouco, nasceu um teatro que não imita, mas que irrompe. Não reproduz, mas revela.

Não adentra, mas floresce.

Um teatro que não se faz *para* pessoas neurodivergentes, mas *com* elas. Um teatro onde o “erro” é caminho. O “desvio” é linguagem. O “imprevisto” é dramaturgia.

Um teatro onde cada artista é autor de sua própria presença.

Ao longo dos anos, vi olhos brilharem em cenas improvisadas, vi movimentos tímidos se tornarem narrativas inteiras, vi famílias se emocionarem não por pena, mas por reconhecimento. Vi a arte se tornar território de dignidade, de cidadania cultural e de pertencimento. E, sobretudo, vi a mim mesmo renascer como arte-educador.

Porque ensinar teatro a pessoas neurodivergentes é, antes de tudo, aprender

a ser humano, e a reconhecer humanidade onde o mundo tantas vezes insiste em negar.

Esta carta é, portanto, um manifesto.

Um manifesto pelo direito à arte.

Pelo direito à diferença.

Pelo direito de ocupar a cena com o corpo que se tem, com o tempo que se precisa, com a verdade que se carrega.

É também um convite:

- a quem ensina, para escutar;
- a quem cria, para arriscar;
- a quem assiste, para romper o olhar capacitista;
- e a quem governa, para compreender que a arte é política, é cuidado, é vida.

As famílias, a toda equipe em nome da querida presidente Ivaneide Santos e em especial aos artistas da APAE de Currais Novos, deixo aqui minha gratidão profunda. Vocês me ensinaram que o teatro é infinito. Que o humano é vasto. Que a diferença não é margem — é centro. E que a verdadeira beleza nasce justamente onde o mundo não espera que ela floresça.

Com afeto, com gratidão e com o compromisso de seguir ampliando caminhos,

Allan de Sousa Félix

Segunda carta:

BIPOLARIDADE, TDAH E PERFORMATIVIDADE NA PESQUISA ARTÍSTICO-ACADÊMICA.

Carta aberta à Supernova F31-2016

9

Planeta Terra, 0 de antropoceno de 1,618

Brilhante Supernova F31-2016,

Converso contigo como quem fala para um fantasma, uma sombra que passa. Seu fulgor assustador e encantador é o estrondo tardio da morte, e também da vida. Você nos manda um sinal de uma luz cortante tão veloz, mas a distância que desafia o infinito nos lembra não só a dimensão do espaço, mas também do tempo que nos é abismo. Mas eu te conheço, estrela. No oceano da minha ignorância, eu te estudo todos os dias, a cada segundo.

Nos pinça um sorriso no canto da boca descobrir que a estrela que mais brilhou no céu de 2016, no meio de tantas outras estrelas e suas luzes singulares, era uma despedida, um epílogo. E dói. Brilhar é essencialmente explodir. Depois de alguns meses em um casulo desconhecido e sufocante do estado depressivo, você explodiu em mania, Supernova. Era o início de uma nova vida com o Transtorno Afetivo Bipolar (JAMISON, 1996). Anos depois, você compreendeu e se certificou da sua condição constantemente nebulosa, dispersa, errante e esquecida com o Transtorno de Déficit de Atenção (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 32). Embora você saiba que tudo isso não resume sua existência, também sabe que isso faz parte de quem você é no mundo.

Estrela forte, você é um sinal da força que existe na explosão, na dispersão. Você é um manifesto da ordem que existe no caos. Você é uma evidência viva e morta da vida e da morte de tudo no universo. Você é a materialização do mito da criação.

Você é arte. A arte do labor poético, a arte café-da-manhã, das esquinas, das teias de aranha, das nuvens que passam, do fogo no peito, da cabeça que voa ou explode. Você é luz. A arte está nessa gestação de uma luz para irradiar uma palavra confusa na esperança de que ela chegue no coração do olhar de um desconhecido remoto. Perto do que Quilici (2015) propõe, para fazer arte é preciso vivê-la, sê-la.

Em seu espetáculo de morte, você brotou em si a semente de um manifesto e uma performance. No seu jeito de dizer e ser sondas Voyagers, você se construiu com uma sacola que voa na esquina da Beleza Americana, um dente-de-leão, uma sombra de som e fúria, um ESPECTRO. Você disse o inaudito do escuro e do silêncio misterioso da criação, do monumental céu, do recôndito oceano, do imensurável universo. Você criou ao organizar sua bagunça e bagunçar a ordem.

É difícil falar quando as letras se embaralham, quando a mudez do cosmos é ensurdecadora, e é de uma dor e de um gozo o sabor de morder a língua... Mas você já sabe bem: é preciso falar para encontrar o seu silêncio. E só você sabe o quanto teve que dizer isso para dentro até os próprios ouvidos se afogarem em sua saliva. É gostoso te entender, Supernova, em toda a sua incompreensão.

Depois que cometas e asteróides como a metodologia da prática como pesquisa (FERNANDES; LACERDA; SASTRE; SCIALOM, 2018), os procedimentos de laboratórios cênicos (SCIALOM, 2019), a prática diários sensíveis (SIQUEIRA, 2015), escrita performativa e friccional (LYRA, 2020) e a teoria do caos no processo criativo (FAGUNDES, 2020) te chocaram com pequenos abraços, essas cicatrizes astronômicas entalharam na sua própria pele os caminhos de uma escrita, uma prática e um pensamento que contemplam tua natureza intensa e volátil. Você vislumbrou uma possível linha invisível para sua órbita nesse breu interestelar, uma linha fluida como o Wu Wei. A malha espaço-tempo pode esconder a rima de “universidade” com “diversidade” (GORRERE; SANTOS, 2020), mas temos a grave força de girar e dançar, movimentando planetas e cometas com um simples sorriso (FORTIN; GOSSELIN, 2014). Um sorriso sarcástico, sábio, misterioso e silencioso de um gato em uma floresta maluca. Alguém que sabe que nada sabe.

Supernova, em carne viva, o alarde do seu esconder revela o que muitos não querem ver. Que morrer também é um parto. Dói e dá prazer. Em suas viagens sobre a impermanências das coisas, sobre o sofrimento e a felicidade de viver, sobre o carma e a identidade (SAMTEN, 2001), você matou a máscara do teatro em si mesma para renascer uma lótus no calor de seu núcleo denso. Você sabe, relembra e ensina a si e aos outros que pode justamente por não poder (FARANI, 2021). Você risca “estranho” e escreve “único”, pixa “potência” abaixo dos rótulos que nos amordaçam com a palavra “limitação” (D’OTTAVIANO, 2005). Até porque, linda estrela, te conhecer é aprender que de louco e estudioso, todo artista tem um pouco (DENCK, 2017) (MELO JÚNIOR, 2014)

A artesanania universal consiste justamente nesse espatifar, nesse explodir, nesse voar por aí. Você é fogo e ar! (HADERCHPEK, 2017) Parece loucura a lucidez de encontrar ordem no caos, de encontrar a sabedoria no surto, o alicerce no vento. Embora de universos paralelos, loucos e artistas atravessam o mesmo buraco de minhoca (PROVIDELLO; YASUI, 2013). A linguagem da loucura e o pensamento do Fora (PÉLBART, 2009), de uma história silenciada (FOUCAULT, 2008), é o caminho para costurar todas as estrelas através da linha invisível do inconsciente (JUNG, 1964), (SILVA; TEIXEIRA, 2020).

Supernova, você sabe quem você é. Você sabe que não falo de estrelas. Não vou desenhar para você. Olhe o céu, estrela querida. Veja e ligue os pontos. Tudo já foi dito. O que será do seu futuro que já acontece agora e não vejo? Uma anã branca fantasma melancólica? Um pulsar farolando ois e tchais musicais sem muito sentido? Um buraco negro que suga tudo para si enquanto arremessa tudo para os lados? Quão poética é a ciência, não é? A vida se transforma em arte através do prisma da nossa retina. Entre os eternos ciclos de inspirar e expirar, sua meditação, estrela brilhante, ilumina os yins e yangs da nossa existência. Ritos. Morrer, viver. Viver, morrer. Se e não ser. Como um gato dentro de uma caixa. Símbolos. Palavras, palavras... Uma vez, me sussurraram no ouvido que, quando uma estrela morre, dela nascem várias outras. Te escrevo, estrela, sabendo que você não vai ler, pois não

existe mais em si. Mas escrevo para nós, poeiras da tua nebulosa. Você existe um pouco em todos nós.

Com muita luz (e escuro),

Menino no mundo da Lua.

(Janyelson Firmino)

Aviões de papel:

AKSIKAL, Hagop. The Psychological Test of Art's. California University. San Diego–U.S.A., 1982.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DENCK, D. 9 gênios que sofreram com doenças mentais. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/medicina-e-psicologia/75260-9-genios-que-sofreram-com-doencas-mentais.htm>. Acesso em: 24 jul. 2024.

D'OTTAVIANO, Vinicius Sampaio. A loucura e a arte. Argumento, Jundiaí, v. 7, n. 13, p. 77-83, ago. 2005.

FERNANDES, Ciane; LACERDA, Cláudio Marcelo Carneiro Leão; SASTRE, Cibele; SCIALOM, Melina. A arte do movimento na prática como pesquisa. Anais ABRACE, v. 19, n. 1 (X Congresso da ABRACE), 2018. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/3913>. Acesso em: 6 set. 2025.

FAGUNDES, Patrícia. Caos e criação processos de ensaio. In: Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, São Paulo, 2010.

FARANI, Camila. Precisamos falar sobre neurodiversidade. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-collab/2021/01/camila-farani-precisamos-falar-sobre-neurodiversidade/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, Natal, v. 1, n. 1, p. 1-17, maio–jun. 2014. DOI: 10.36025/arj.v1i1.5256.

SANTOS, E.R.; GORRERE, T.S. TDAH e desempenho acadêmico: reflexão acerca da inclusão no contexto universitário. Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, v. 3, n. 3, 2020.

HADERCHPEK, Robson Carlos. A poética dos elementos e a imaginação material nos processos de criação do ator: diálogos latino-americanos. Memória ABRACE XVI – Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, Uberlândia, v. 17, p. 2645–2664, 2017. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/4790.html>. Acesso em: 6 set. 2025.

JAMISON, Kay Redfield. Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1–13, 2020.

MELO JÚNIOR, Walter. Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubens Corrêa: fronteiras da arte e da saúde mental. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 182–198, abr. 2014.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 1993.

PELBART, Peter Pál. O pensamento do fora: ensaios sobre Foucault e Deleuze. São Paulo: Editora 34, 2009.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1515–1529, out./dez. 2013.

QUILICI, Cassiano Sydow. O ator-performer e as poéticas da transformação de si. São Paulo: Annablume, 2015.

SAMTEN, Padma. Meditando a vida. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SCIALOM, Melina. Laboratório de pesquisa: metodologia de pesquisa corporalizada em artes cênicas. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/issue/view/4230>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SILVA, Eliana de Oliveira; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Sobre a necessidade da arte: uma abordagem junguiana. Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 16, n. 1, p. 430–449, jan./mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317816012020430>.

SIQUEIRA, Thulho Cezar Santos de. A experiência ritualística da cena: o teatro como educação sensível no Ensino Médio. 2019. 262 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27376>. Acesso em: 19 set. 2024.